



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**

**Campus do Sertão**

**Licenciatura em Geografia**

**BRUNO RIBEIRO DE FREITAS**

**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO ENSINO DE JOVENS  
E ADULTOS – EJA: Um olhar a partir da Escola Estadual Watson  
Clementino de Gusmão e Silva, em Delmiro Gouveia/Al**

**Delmiro Gouveia/AL  
2018**

BRUNO RIBEIRO DE FREITAS

**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO ENSINO DE JOVENS  
E ADULTOS – EJA: Um olhar a partir da Escola Estadual Watson  
Clementino de Gusmão e Silva, em Delmiro Gouveia/AL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Suana Medeiros Silva

**Delmiro Gouveia/AL  
2018**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

F866e Freitas, Bruno Ribeiro de

O ensino-aprendizagem de Geografia no Ensino de Jovens e Adultos – EJA : um olhar a partir da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva, em Delmiro Gouveia/Al / Bruno Ribeiro de Freitas. – 2018.

50 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Suana Medeiros Silva.

Monografia (Licenciatura em Geografia) –  
Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia.  
Delmiro Gouveia, 2018.

1. Geografia – estudo e ensino. 2. Ensino de Jovens e Adultos.  
I. Título.

CDU: 91:37

## FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTORA: BRUNO RIBEIRO DE FREITAS

**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO ENSINO DE JOVENS E  
ADULTOS – EJA**  
**Um olhar a partir da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, em Delmiro  
Gouveia/Al.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao  
corpo docente do Curso de Geografia-  
Licenciatura, da Universidade Federal de  
Alagoas, aprovado em 28 de junho de 2018.

Suana Medeiros Silva

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suana Medeiros Silva – UFAL – Campus do Sertão (Orientadora)

Banca Examinadora:

Kleber Costa da Silva

Prof. Me. Kleber Costa da Silva – UFAL – Campus do Sertão (1º Examinador)

José Alegn Roberto Leite Fechine

Prof. Dr. José Alegn Roberto Leite Fechine – UFAL – Campus do Sertão (2º Examinador)

## **AGRADECIMENTOS**

O Trabalho de Conclusão de Curso é a maneira de mostrar a importância que o curso de Licenciatura em Geografia traz para a formação, onde o aluno no seu período final do curso pode se expressar sobre um tema que lhe chamou atenção no decorrer da graduação.

O curso foi marcado por experiências vividas no âmbito acadêmico, com momentos bons e ruins, da mesma forma como acumulamos saberes, para que possamos passar adiante como professores licenciados o que nos foi passado com muito empenho e dedicação por parte de todo o corpo docente do Campus Sertão.

Tive o prazer de dividir experiências com colegas que me ajudaram no crescimento através de debates e participação em eventos que estreitaram a relação como conhecimento científico. Dos estágios que nos fazem perceber a importância do professor na sociedade, e que levou à realização desse trabalho, a participação em pesquisas de extensão, onde me foi dada a oportunidade de fazer parte do projeto, enfrentando desafios a cada período. Isso contou como carga positiva para querer adquirir cada vez mais conhecimentos, trabalhando e observando os diferentes pontos de vista trazidos para cada discussão dentro e fora de sala de aula.

Assim, demonstrando minha gratidão a todos os professores que tive o prazer de conviver ao longo desses anos, uns convivemos mais que outros, mas todos mostrando uma Geografia diferente, me mantendo sempre motivado e cada vez mais apaixonado pela área. Agradeço ao Prof. Mestre Leônidas S. Marques por me ajudar de forma brilhante ao longo de minha formação.

Por fim, venho agradecer à minha orientadora, Prof. Dra. Suana M. Silva, por me ter dado a oportunidade de ser seu orientando, e por estar sempre disposta a discutir e ajudar nos questionamentos ao longo do trabalho até sua conclusão.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o ensino da Geografia na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA) a partir das diretrizes nacionais do mesmo e da prática de ensino-aprendizagem na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva, visando compreender como se deram a introdução do ensino de Geografia na educação brasileira, as dificuldades que existiram ao longo de sua introdução, e as dificuldades que hoje podem ser encontradas que se tornam mais evidentes nos relatos do educador e do educando. Com base no que foi observado ao longo do Estágio, que faz parte da grade curricular do curso de Licenciatura em Geografia e que, por sua vez, contribui para esta pesquisa, assim expandindo a discussão para a proposição da pesquisa. Com isso foram utilizados por meio de pesquisa teórica-científica autores que discutem sobre a história do ensino de Geografia, e sobre o ensino de jovens e adultos, assim como análise das Leis e Normas que normatizam a modalidade de ensino, como também o relato dos educandos sobre o ensino da Geografia no EJA, assim como o relato do educador. Desta forma, o trabalho se baseia nos conceitos, nas observações e na coleta de dados, consumando em resultados relevantes a pesquisa, constatando que há dificuldades na compreensão do que se é proposto em sala de aula, e que se faz necessário uma maior valorização da disciplina, que os ajudaria a interpretar melhor o lugar em que vive dentro e fora da sala de aula.

**Palavras-chave:** Educando. Educador. Ensino de Jovens e Adultos. Geografia.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the teaching of Geography in the modality of Teaching Young and Adults (EJA), based on the national guidelines of the same and the teaching-learning practice at the State School Watson Clementino de Gusmão Silva, in order to understand how it happened the introduction of the teaching of geography in Brazilian education, the difficulties that existed during its introduction, and the difficulties that can be found today, which are more evident in the reports of the educator and the student. Based on what has been observed throughout the Supervised Internship, and in the Internship, which is part of the curriculum of the degree course in Geography, and which in turn contributes to this research, thus expanding the discourse for the proposition of the research. Through this research, authors were used to discuss the history of Geography teaching, and the teaching of youths and adults, as well as an analysis of the Laws and Norms that regulate the teaching modality, as well as the students on the teaching of Geography in the EJA, as well as the educator's report. In this way the work is based on concepts, observations and data collection, consuming in relevant results the research confirming that there are difficulties in understanding what is proposed in the classroom, and that it is necessary a greater appreciation of the discipline, which would help them to better interpret the place they live in and outside the classroom.

**Keywords:** Educating, Educator, Youth and Adult Education, Geography

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Período do ensino de Geografia no EJA.....	12
Quadro 2: Abordando o trabalho na visão geográfica.....	26

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa etária do alunos do EJA.....	32
Gráfico 2: Motivos para estar cursando o EJA.....	33

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A GEOGRAFIA NA ESCOLA BRASILEIRA.....</b>	<b>12</b>
2.1 A Inserção da Geografia na Escola Brasileira.....	12
2.2 A Geografia Hoje no Ensino Regular .....	17
<b>3 A GEOGRAFIA NO EJA .....</b>	<b>22</b>
3.1 Currículo e Normas do Ensino de Jovens de Adultos.....	22
3.2 O Ensino da Geografia na Modalidade de Jovens de Adultos e o foco no mundo do Trabalho .....	24
3.3 A Visão de Freire Sobre o Ensino do EJA.....	27
<b>4 DOCENTE E DISCENTE DE GEOGRAFIA DO EJA NA ESCOLA WATSON CEMENTINO DE GUSMÃO E SILVA.....</b>	<b>31</b>
4.1 O Educando do Ensino do EJA da Escola E. Watson Clementino de G. Silva .....	31
4.2 O Educador do Ensino do EJA da Escola E. Watson Clementino de G. Silva.....	34
4.3 O Ensino Aprendizagem no EJA na Escola E. Watson Clementino de Gusmão Silva: Realidades, Deficiências e Desafios .....	35
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo é voltado ao Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e se fez presente quando, no decorrer das diversas etapas de estágio do curso de Licenciatura em Geografia, que visa preparar para área da qual se está cursando, foi observado na rede Estadual de ensino de Alagoas, que apresentou diversos problemas tanto no regular quando no EJA.

A construção do tema para a pesquisa é uma base no que foi visto em relação à realidade do ensino de Geografia na escola e as dificuldades que foram vistas no EJA, onde chamaram a atenção para como se dá o ensino da Geografia nessa modalidade, já que se prepara para sala de aula e suas dificuldades.

Com as políticas de alfabetização e os direitos de acesso à educação básica gratuita que todos têm, o EJA se torna uma ferramenta vital para educação. Para a compreensão da pesquisa foram utilizados fundamentos teóricos em diversos autores. Entre eles estão: Marcelo Faria (2012), Paulo Freire (1994, 1996), Castellar (2010), entre outros. Analisar o ensino da geografia no EJA a partir dos relatos dos educandos junto com as do educador é conseguir entender os problemas da modalidade e assim tentar entender como é a geografia no EJA.

Desta forma, essa pesquisa tem como justificativa mostrar as dificuldades que se encontram no ensino de Geografia no EJA, e a importância de um aprimoramento na área, já que a mesma faz parte do campo no qual nos preparamos para exercer. Atento a isto, direcionar este estudo para entender a forma de execução que se tem sobre a modalidade, a forma que se trabalha, seus atuais objetivos, e se ao decorrer da pesquisa no EJA saber o que os professores pensam sobre as propostas reais.

Como objetivo geral, visamos analisar o ensino de Geografia no EJA a partir das diretrizes nacionais do mesmo e da prática de ensino-aprendizagem na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva, localizada na cidade de Delmiro Gouveia - Alagoas, junto aos alunos do Ensino de Jovens de Adultos (EJA), no turno noturno e o professor de Geografia. Faz-se também um resgate histórico do Ensino de Geografia no Brasil, compreendem-se as diretrizes do EJA, e analisa-se o ensino-aprendizagem de Geografia na escola Watson, identificando as contribuições para a formação de estudantes e as dificuldades e deficiências do mesmo.

Assim, esta pesquisa possui um caráter qualitativo em relação ao ensino de Geografia na modalidade EJA, sobre a forma de entendimento ao tema e as discussões que se põem a ela. Para organizar de maneira mais prática a pesquisa, buscou-se dividi-la em: Aspectos teóricos e conceituais e Procedimentos práticos de pesquisa. No ponto em que a primeira parte da pesquisa se faz um apuramento e análise de aspecto teórico e conceituais ligados a formação do ensino da geografia no Brasil, e as proposta de ensino, refletindo sobre a mesma à luz dos autores que trabalham sobre o tema, e interligando os conceitos.

Segundo Marcelo Faria (2012), no seu primeiro momento se tem a formação do ensino brasileiro, onde a Geografia ocupa o papel de ampliar a identidade ao povo brasileiro, e em seu segundo momento tem-se uma modernização no ensino da Geografia, que se precede do terceiro momento com a retirada da disciplina da grade curricular nacional. Em quarto e último período tem-se as mudanças profundas no pensamento geográfico, trazendo a contemporaneidade como problematização do defasamento e o distanciamento do ensino básico com a academia, entre outros.

A educação no Brasil é mantida com um conjunto de normas e leis, a fim de regularizar o ensino. O mesmo se submete às modalidades especiais de ensino como o EJA, que vem para assegurar o direito e o livre acesso ao ensino, como citados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no Art. 37 que diz: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.” (LDB 9.394/96 Artigo 37). Contudo, o Estado que propõe a categoria tem seu próprio Regimento, que é o caso do Estado de Alagoas com a Resolução Nº 18/2002-CEE/A, que por sua vez coloca a instituição que oferta a modalidade ser responsável por aprimoramento e capacitação do educador, “Cabe às mantenedoras das instituições que ofertam a modalidade Educação de Jovens e Adultos promoverem a formação dos seus docentes, de modo a contemplar as especificidades do trabalho educativo nessa modalidade”. (Nº 18/2002-CEE/AL).

Ao tratarmos de modalidade regular, a EJA deve ser voltada para educandos que tem consigo experiências de vida e conhecimentos externos, como se refere Enio José Serra dos Santos (2008). Assim se faz necessária uma transformação do conteúdo que é proposto pela Geografia no ensino regular voltado ao trabalhador, direcionando e relacionando a Geografia com o mesmo.

Por sua vez, Paulo Freire traz uma forma de como deve ser o ensino para jovens e adultos, mirando a libertação do educando e transcendendo a posição de oprimido, a qual ele refere esse termo ao mesmo, e a necessidade de diálogo entre educador e educando, para que ambos possam aprender juntos, criando a necessidade de buscar o conhecimento.

Assim, uma forma de ensino direciona o educando para o conhecimento através da problematização e reflexão, e não apenas uma forma de depositar o conhecimento de forma sistemática no educando sem que aja uma forma de discussão do que se está sendo proposto, ao que Paulo Freire trata de “Ensino Bancário”, e que traz a sensação de decorar o que se é feito em sala de aula, como é notável no ensino da Geografia na modalidade regular e de Jovens e Adultos da Escola Estadual Watson.

Mediante a pesquisa bibliográfica, foi criado um questionário com perguntas objetivas e dissertativas, tentado analisar o conhecimento que o educando do EJA da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva tem sobre a Geografia, e por fim uma entrevista com o educador em relação às dificuldades encontradas em sala de aula e sua visão sobre o ensino de Geografia no EJA.

A partir da aplicação dos questionários com o educandos, realizou-se uma análise sobre os dados coletados discutindo e fazendo relação com os aspectos bibliográficos da pesquisa, verificando qualitativamente, interligando os autores e normas utilizadas para entender as dificuldades que atingem a modalidade.

Portanto, ao se analisar as normas que regem a educação nacional, seja ela regular ou não, e de utilização de conceitos teóricos sobre o ensino de Jovens e Adultos e do ensino de Geografia, com base em diversos autores, para um melhor entendimento do que é o ensino de EJA e seus problemas. Assim, como a necessidade de melhoria na estruturação por parte da escola em termos de normas que regem a modalidade EJA, a fim de garantir ao educador a oportunidade de se especializar na área da modalidade, buscando melhorar a relação de ensino-aprendizagem.

## 2 A GEOGRAFIA NA ESCOLA BRASILEIRA

O propósito deste capítulo é entender como a Geografia encontra-se no currículo nacional de ensino e sua importância para formação da identidade do povo, do processo de colônia para torna-se um país, assim como o amadurecimento, e com isso poder compreender os caminhos que ela está tomando nos dias de hoje.

Resgatar o processo e as fases que a Geografia tomou ao longo dos anos, desde o ensino básico até o nível superior no Brasil, no qual esse caminho mostra como se iniciou o surgimento dos oprimidos, que por sua vez são aqueles que não tiveram oportunidade de estar em uma sala de aula, ou tiveram que abandonar os estudos por qualquer motivo, ou mesmo aqueles que reprovaram no ensino regular.

### 2.1 A Inserção da Geografia no Currículo Regular

A Geografia no ensino brasileiro vem desde o século XIX e passa por estruturas assim como o próprio ensino no Brasil. Com uma inserção indireta, a Geografia vem se desenvolvendo de forma diferente quanto ao seu contexto histórico, e diferente do pensamento acadêmico. O que se via na metodologia do ensino de Geografia no fim do século XIX torna-se contraditório à metodologia usada atualmente.

A estruturação da Geografia segundo Marcelo Faria (2012) se dará por períodos, que se seguem e precedem de crises, e essas fases vêm com definições na compreensão da relação de ensino x aprendizagem, que junto ao método dará um norte nas práticas educativas, resumidas em 4 períodos.

#### Quadro 1: PERÍODOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL.

Periodização do ensino de Geografia no Brasil				
	1º Período	2º Período	3º Período	4º período
Fase que se deu o período	Meados do século XIX, até sua afirmação como conhecimento científico na escola básica na década de 1930	De 1930 a 1960	De 1960 ao final da década de 1970	Do final da década de 1970 até o período atual

O que aconteceu com a Geografia	Momento que se tem a necessidade de afirmação do território brasileiro e a identidade do povo com a terra.	Modernização da educação e reestruturação dos currículos em função das reformas estruturais.	O período militar, com a ideologização da educação, a dissolução e a reentrada da Geografia no currículo escolar.	Mudanças profundas no interior da Geografia e na democratização da sociedade brasileira – com profundas implicações nos programas e currículos de Geografia da escola básica.
O ensino da Geografia	Um ensino tradicional proposto pelas elites, em busca de manter a hegemonia e base firme no controle.	Propostos pela Escola Nova e a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros AGB.	Com a retirada da Geografia do ensino regular nesse momento, ela tem continuidade no ensino informal e no EJA.	Com mudanças no currículo do ensino de Geografia, se torna uma Geografia crítica.

(FARIA, 2012, p 28)

A Geografia no contexto escolar em seu primeiro momento traz Faria (2012) e surge com a necessidade de se estabelecer uma identidade em relação ao território brasileiro, pois ao ver o movimento que acontece com as colônias espanholas na América do Sul, e com a independência do Brasil, esse movimento separatista tem grande força com o liberalismo e apoio da elite e de políticos. Com a queda do colonialismo e com um território vasto com pouca comunicação entre si, logo se tem movimentos de desfragmentação do território, mas sem sucesso. Assim, com toda a carência de uma identidade para com território, abrem-se portas para se criar um sistema nacional de educação.

Deste modo, a Geografia nas escolas tem um papel de certa forma importante para o Estado, já que é necessário que se tenha controle sobre o território mediante a movimentos das colônias espanholas que se ocorre na América do Sul, dando prioridade no ensino da

natureza e de como era vasto o seu território no qual traz a ideia de que só o poder público poderia gerar o desenvolvimento do país em relação à situação internacional, e não o povo que pelo contrário seria um obstáculo. E essas características podem ser notadas nos dias de hoje.

O povo, no entanto, nem sempre foi visto como um elemento importante do processo de modernização do país. Muitas vezes, o discurso representava o povo como um obstáculo ao desenvolvimento e, nesse sentido, novamente se percebe a afirmação de um posicionamento ideológico de que era pelo território – portanto, pelo poder e pela ação do Estado – que se modernizaria o país e o adaptaria às novas condições internacionais. (FARIA, 2012, p 28)

A população sem as devidas noções de patriotismo, que por sua vez tem que ser posto de uma forma, no qual é preciso conhecer onde se está para ter consciência de pertencer a um lugar, e que esse lugar só pode progredir mediante o comando de um pensamento hegemônico. Desta forma, só irá prosperar se houver um poder público e uma identificação desse lugar. Sendo assim, a Geografia se torna por sua vez uma ferramenta ideal para unir a identidade do indivíduo com o Brasil.

O uso do ensino de Geografia como forma de perspectiva de pertencer ao lugar vem na proposta de ensino tradicional mostrando o abstrato do seu espaço. “Um espaço criado a partir das premissas positivistas de neutralidade e objetividade, espaço esse que é uma abstração e, portanto não retrata a realidade.” (CARVALHO, 2007, p.29). Uma Geografia que não traz a crítica para seu ensino, onde se tem uma descrição, de rios, população, e os problemas que circundam o meio social não se é discutido apenas catalogado, associando a disciplina como algo decorativo e não analítico.

O ensino no Brasil foi proposto pela elite e voltado para benefício da mesma, desejando um avanço da sociedade, mas com uma seletividade profunda desses avanços, uma segregação que refletiria em uma população marginalizada, que futuramente será parte dos sujeitos de análise desse estudo. Para uma diminuição no que seria uma situação de risco para elite, como se refere Faria (2012), em relação aos desenvolvimentos de forma não igualitária da sociedade que antes eram apenas pelo fator regional, mas que passa a ser na área urbana, referindo-se aos espaços deixados pela elite ao se deslocar para áreas mais valorizadas, criando locais como cortiços, e gerando revoltas no meio dos trabalhadores das fábricas, e para contenção e melhoria do avanço industrial e diminuição da articulação do proletariado, faz com que o ensino tenha a finalidade de qualificar a mão de obra. “A organização social e política dos trabalhadores nos bairros, ou as constantes greves nas fábricas, eram vistas pela

burguesia como uma questão de risco iminente para a continuidade do sistema imposto.” (FARIA, 2012, p.48). Temos assim uma divisão do ensino que perdurou o século XX quase por completo.

A divisão da educação será dada de forma que irá representar a hierarquia, e que se estende por um longo tempo, de uma forma expressiva a se manter no controle mesmo dando uma oportunidade para o ensino, mesmo que básica, a educação é dividida da seguinte forma:

Esse sistema de educação será dividido em três níveis que reproduzem, de certa forma, as hierarquias sociais: a educação básica – de atendimento universal – deveria se ocupar da alfabetização e de conhecimentos básicos; o Ensino Médio (mais restrito às classes médias) deveria preparar esta classe para a divulgação e reprodução do pensamento dominante; e o ensino superior, destinado às elites, deveria preparar seus membros para a formulação de um projeto nacional moderno. (FARIA, 2012, p.50)

O que se nota com essa divisão é a forma com que os valores e ideologias da elite em suas grades curriculares pondo o seu ponto de vista, tendo uma continuidade no processo industrial. Temos até então o domínio de uma Geografia que seria a descrição da superfície da terra, mas que na década de 1920 com grandes pensadores do ensino básico daquela época, propõem uma mudança na forma com que a área é vista, passando da visão descritiva para um estudo que insere o ser humano como parte dessa descrição.

Na década de 1930 se dará o segundo momento, no qual se tem o movimento da Escola Nova, onde foi preciso mudar todo o pensamento para suprir com importância uma melhor formação dos professores de Geografia do ensino básico, e ao fim dessa especialização se tem uma maior valorização da área geográfica no currículo do ensino básico. Com um pensamento em que se coloca o Governo como principal agente e a educação como dever do Estado, e que deveria chegar a todos sem qualquer divisão por classes, visto que nesse mesmo período se tem a criação de Institutos e Universidades que beneficiaram o pensamento Geográfico.

A importância que a Universidade de São Paulo (USP) exerce sobre o ensino da Geografia é destacada por Faria (2012), relatando que a USP foi muito importante, pois a partir dela é que se formaram os primeiros professores com habilitação específica para atuar no ensino da disciplina, ou seja, se tem a modernização no ensino básico da Geografia. Assim há uma aproximação da academia com a Escola, mas que eles seguem relatando o pensamento da mesma, como não se muda de forma instantânea e que foi um processo mais lento.

O terceiro momento no qual se passa a ditadura militar que vai desde 1964 a 1985, vem como estagnação na Geografia escolar e da academia, já que se tem um desenvolvimento

quanto à forma que se deve analisar a sociedade e natureza. A disciplina em sua maior parte está atrelada ao tecnicismo e ferramenta ideológica do Estado, no qual a classe dominante se faz valer do poder para continuar implantando seu ponto de vista, mas com autores com uma forma diferente de pensar muda um pouco a forma de ver da Geografia. Faria (2012), com a primeira parte, relata Aroldo de Azevedo, no qual divide o natural adicionando o humano à sua equação, e ele traz esse pensamento nas décadas de 1940 a 1970 do século XX, onde que Moreira mais a frente unifica novamente no qual o homem e a natureza devem estar ligados, em uma interação sociedade natureza.

O pensamento de aprimoramento do ensino da Geografia, ao que se andava, é parado com as ações do Governo, e esse pensamento crítico social é visto de forma negativa, e ameaça a hegemonia do Estado, já que vimos desde o início do ensino no Brasil, o Estado assumindo o papel principal. E os pensamentos sobre o como deveria ser o ensino da Geografia naquele ponto se encaixava perfeitamente com a Geografia básica da época, onde a mesma representava perigo ao Estado, e com isso se tem o banimento do currículo de ensino básico no Brasil, sem esquecer que esse momento serviu para a disciplina de História também da mesma forma.

Em seu quarto momento, que se passa ao fim da década de 1970, tem-se um aprofundamento da transformação do pensamento da Geografia no ensino básico e na academia. O professor ganha espaço para ministrar suas aulas e fazer valer por espaços alternativos que não se tinham influência da Elite ou do Estado, já que se encontrava em período de Regime Militar. Em um desses espaços se tem o nosso objeto de estudo que é colocado por José William Vesentini (2008 apud FARIA, 2012 p. 74): “atenta para o ensino de Geografia para turmas de jovens e adultos e/ou nas escolas públicas de periferia, nas quais os problemas sociais – portanto, uma Geografia não oficial – começam a fazer parte dos temas escolares”. A não formalidade do ensino da Geografia não só nesses lugares, mas em muitos outros, ajuda o desenvolvimento da Geografia no ensino básico.

Vesentini (2008) traz o ponto de vista da disputa pelo direito sobre o ensino, entre a Igreja e o Estado, com seu direcionamento voltado ao capitalismo, e com um pseudopensamento de bem comum. A elite impõe seu pensamento hegemônico e que os beneficiam. Como podemos perceber nesse trecho: “É evidente que a escola não produz, mas apenas reproduz as desigualdades sociais; mas sua função ideológica parece ser bem mais eficaz que as formas anteriores de legitimar privilégios de estamentos ou ordem.” (VESENTINI, 2008, p. 31). Essa luta pelo controle na educação coloca os interesses daqueles

que detém o poder para manter a reprodução do pensamento que assegura essa legitimidade de classes em seu pensamento ideológico.

Portanto, a reprodução das ideologias no qual o Estado é o centro do desenvolvimento e a normalidade nas disparidades das classes sociais, gera a necessidade de mudanças no ensino da Geografia do fim do século XIX, e a continuidade desse pensamento no início e no meio do século XX. Como defendido por Vesentine (2008) quando trata “velhos” e “novos rumos” da Geografia; no qual o velho se trata desse pensamento tradicional e técnico na Geografia voltado para reprodução do capital e não a formação crítica do educando, e os novos rumos fazem valer do pensamento crítico na análise do que diz ser o pensamento Geográfico Sociedade e Natureza, analisando não apenas aspectos físicos, mas seus movimentos, seu fluxo, colocando docente e discente na problematização do objeto estudado, e assim discutindo.

## **22 A Geografia Hoje no Ensino Regular**

Este capítulo é voltado para como é visto o ensino de Geografia hoje, tentando entender um pouco do que se passa quanto ao ensino, observando os diversos pontos de vistas de autores, analisando as tendências da Geografia no ensino de 1º e 2º grau, e tentando compreender sua evolução quanto ao que foi visto anteriormente nesse estudo.

A visão no qual se prendeu por muito tempo o ensino da Geografia foi o positivismo, já que era o método que norteava o pensamento e a prática de ensino, e excluía outras visões, tais como o do marxismo e da fenomenologia. E a Geografia é uma disciplina que vem repensando sobre seu método ao longo de três décadas.

O que se vê hoje no ensino de Geografia básica predominantemente são as mesmas propostas tradicionais que se vê posto nos livros didáticos e nos currículos. “Aparentemente, num ritmo bem diferente, bastante distanciados do debate travado nas universidades. Os currículos e a maioria dos livros didáticos ainda informados pela perspectiva tradicional.” (MORAES, 2008. p.118). Um Ensino que se difere da academia, enquanto uma procura por novos meios para seu ensino, o outro permanece com práticas que não condiz com o momento vivido pela Geografia acadêmica.

Podemos ver que há uma dicotomia entre ensino de Geografia acadêmica e o ensino de 1º e 2º grau, no qual segundo Moraes (2008) o entrave nas universidades se dão mais na ordem filosófica e metodológica, enquanto por parte do ensino básico o docente tem um ponto importante, devido uma carga horária extensa, mas uma má condição de trabalho. São impasses que ajudam a distanciar a academia do ensino básico, um distanciamento nórdico que vem na própria academia.

Em primeiro lugar, cabe apontar um estranho paradoxo que vigora na geografia. Ao mesmo tempo em que se defende de forma absoluta a unidade entre ensino e pesquisa, vai se afirmando na prática uma avaliação diferente entre tais atividades. Avaliação que valoriza a formação de pesquisador (técnico ou acadêmico) em detrimento daquela voltada para ação didático-pedagógica. O exílio da licenciatura na Faculdade de Educação é a expressão institucional mais clara deste fato. A meta departamental é o bacharel mesmo tanto público majoritariamente constituído de futuros professores. (MORAES, 2008. p. 119).

Assim a aproximação do ensino e pesquisa é ainda mais complicada já que na própria graduação há a diferenciação/divisão dos caminhos percorridos, e com uma quantidade de trabalho de pesquisa voltado a prática pedagógica menos comuns em relação aos trabalhos em outras áreas da Geografia. Isso pode ser visto até mesmo no curso de licenciatura. Como é colocado por Moraes (2008):

Estudos voltados para a análise do ensino da geografia são raros e recentes, num universo de pós-graduados com uma alta porcentagem de docentes. São comuns temas de grande sofisticação ou altamente especializados (e distantes de qualquer ligação com o ensino). (p.120).

Ainda com base em Moraes (2008), a falta de atualização quantos aos currículos é outro problema que deveria ser repensada a unidade de ensino/aprendizagem para uma formação divisória mais clara na formação do educador de Geografia, e então unificando toda a prática e teoria. Um melhor aprofundamento quanto a essa discussão para trazer o que é visto nas universidades dentro das escolas dos ensinos de 1º e 2º grau, com um debate na Geografia mais renovada, crítica. Mas devemos lembrar que mesmo contra o que se é pedido pelas normas de ensino, nem sempre quem ministra as aulas de Geografia no ensino básico são formados na área, assim dificultando ainda mais esse pensamento de aproximar a Geografia do ensino básico com o acadêmico.

A diminuição da vivência entre ensino básico e a universidade poderia ser trabalhado com um aprimoramento. “O professor, principalmente aquele formado a mais de dez anos, sente-se um estranho frente às propostas atuais.” (MORAES, 2008, p. 121). Fazer uma

reciclagem é demorado e levaria muito tempo, devido à dificuldade com uma atual carga horária apertada vivida pelos professores, sendo que o foco ainda é de aproximar as visões do que se tem nas Geografias acadêmicas e básicas.

Quando se tem posto o que se ensina na Geografia, no qual a maioria dos docentes são guiados por livros didáticos, a Geografia é levada para uma prática de memorização da informação nas aulas, tendo inclusive contradições nas escolhas do conteúdo ensinado como é trazido por Sônia Castellar “A realidade brasileira nos revela que o discurso adotado em sala de aula pelo professor ainda está fundamentado, na maioria das vezes, nos manuais didáticos e em discursos apreendidos da mídia.” (CASTELLAR, 2010, p.1). Mesmo com discursos modernos na Geografia acadêmica, não podemos ver nitidamente essa evolução no ensino básico, tendo nos conteúdos e no currículo um discurso contraditório ao que é vivido hoje na Geografia acadêmica. A distância que é vista por Castellar (2010), tanto do ensino básico como acadêmico é retratado por Jorge Luiz Barcellos da Silva (2009) como um ponto inicial na deficiência da Geografia na sala de aula, no qual todos os questionamentos que são feitos na Geografia crítica, que por sua vez se perde por um currículo, faz com que aja uma disparidade entre o ensino básico e o acadêmico.

Uma estruturação bem definida em relação ao que se irá ensinar, e com um direcionamento e domínio do conteúdo de Geografia criando uma ponte no que se é proposto em sala de aula com o cotidiano do aluno, traz para ela um sentido tirando aquele velho adjetivo da disciplina de Geografia que o aluno tem de decorativa, tendo uma dinâmica maior no que se é ensinado, usando de todos os campos da Geografia para se ter uma compreensão mais clara do assunto tratado. Como é visto em Castellar (2010), essa organização tem uma grande dificuldade, pois tem que se ter um planejamento de aula bem definido desde os objetivos ao passo a passo permitindo uma dimensão mais profunda quanto ao ensino. Também traz a importância de saber relacionar o momento em que cada conceito utilizado deve ser aplicado, pois não basta simplesmente passar o conteúdo, é fundamental que o aluno possa compreender o que se está analisando, estabelecendo assim níveis científicos para ensinar, estimulando o aluno a perceber as diferenças nos conceitos utilizados.

Germán Wettstein (2008) nos mostra uma visão de ensino da Geografia no qual ela trata como “curativa” e “preventiva”. A curativa trata do que se viveu e se viu com a necessidade de se ensinar a Geografia física, econômica, como clima e o espaço vivido. A preventiva está na análise de como o mundo se representa e não de como ele foi, e a maneira

de como o ensino nos países em desenvolvimento é tratado. Assim, criar um currículo escolar que por sua vez favorece a problematização e a discussões das negatividades do que se acontece no mundo em relação a nossas ações. Tendo assim uma prática para a emancipação do indivíduo, e não sua alienação, e a reflexão de como podemos fazer essa emancipação desse sujeito.

Para seguir firmes nessa luta, é preciso saber que os procedimentos utilizados para a desestabilização da confiança vêm tanto de fora quanto de dentro das nossas próprias noções, eu creio que se pode reconhecê-los a partir dos seguintes indicadores: a escamoteação do país real, a fugacidade das conotações positivistas, a violência do noticiário e a substituição de juízo de valor por estereótipos. É bom chamar a atenção de nossos alunos para isso (WETTSTEIN, 2008, p.128).

A forma como o professor deve se debruçar quanto a essa escamoteação é o que se chama atenção, pois se deve analisar o que realmente ocorre no meio social/natural dando uma visão clara do que se passa no mundo.

O domínio ideológico no ensino das escolas brasileiras faz valer o interesse da minoria em manter seus privilégios. A Geografia que por um tempo ajudou na manutenção dos interesses do Estado, hoje tem uma visão mais analítica. E que sofre com as mudanças em tendências mundiais que tratado por Vesentine (2015), sendo que diversas mudanças ocorrem no ensino como um todo e não apenas na Geografia, com foi o caso das revoluções industriais ocorridas nos séculos anteriores, que se fazia necessário uma maior escolarização por parte do proletariado, e que as exigências desse mercado avançam cada vez mais por níveis escolares maiores.

Como já vimos, o ensino da Geografia passa por um período em que ela deixa de fazer parte do currículo de ensino básico no período da Ditadura no Brasil, na atualidade avança e progride no campo do ensino, como traz também Vesentine (2015), assim é visto de maneiras diferentes por cada nação. Temos como exemplo os Estados Unidos da América e a França, onde há uma retomada no ensino da Geografia por parte dos norte-americanos que, após trinta anos sem a Geografia em sua educação básica, retoma o ensino e cada vez mais se ganha prestígio, com uma carga horária maior. Diferente da França, que por sua vez substitui o ensino de Geografia e traz o ensino da economia com cartilhas propostas por economistas e no campo físico e natural traz o ensino de Geologia. Diante disso, vemos no Brasil um caminho parecido como francês com as novas políticas de ensino, com uma futura diminuição na carga horária e o escaneamento da disciplina. Sobre isso Vesentine afirma:

O que se conclui é que a geografia pode até desaparecer, mas necessariamente terá que haver uma(s) disciplina(s) que supra(m) esse visível necessidade de estudar o ensino elementar e médio temas tão essenciais ao mundo de hoje como sistema financeiro e o comércio internacionais, os problemas ambientais globais, a interdependência e as disparidades socioeconômicas, turismo (sim!), os problemas urbanos, os interesses ou peculiaridades globais, nacionais e regionais etc. (2015, p.22).

A importância que a Geografia tem em se debruçar os diversos temas e a forma como ela discute esses temas, incluindo a sociedade e natureza de formas interligadas, faz com que seja essencial para o desenvolvimento humano, tornando-se indispensável na aprendizagem.

Assim, o distanciamento do ensino da Geografia regular quanto da acadêmica, trata-se atualmente junto a dependência dos livros didáticos que continuam a dar o aspecto de decorativa à Geografia. Professores seguidos da falta de formação continuada e aproximação com a academia, e como diminuir essa distância é um desafio que deve ser superado.

### 3 A GEOGRAFIA NO EJA

#### 3.1 Currículo e normas do Ensino de Jovens e Adultos

Para a modalidade de ensino voltada para jovens e adultos - EJA foi criado um currículo e um conjunto de normas, já que se trata de um ensino não regular, assegurando direitos, no intuito de amenizar o *deficit* de acesso à educação no país.

O ensino de jovens e adultos se encaixa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e na Constituição Federal, o que garante o ensino básico gratuito, mesmo àqueles que não tiveram uma continuação dos estudos, ou nunca tiveram a oportunidade de estar em uma sala de aula, não importando a idade. Como podemos ver na LDB 9.394/96 Artigo 37, “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.”. Assegurando assim o direito ao ensino.

A Constituição Federal, em seu Artigo 208, afirma que é dever do Estado garantir o ensino, e que por sua vez teve alterações pela Emenda Constitucional Nº 59, de Novembro de 2009, nos incisos *I* e *VII* que passa a ser: “*I* – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”. (BRASIL. Constituição. Artigo 208, 1988). Assim é garantida oportunidade de ensino aos excluídos até então do acesso a educação, pois o Estado se torna responsável para ofertar o acesso à educação, e isso se torna viável para o EJA, já que se tem uma modalidade que se direciona a trabalhar com a educação de jovens e adultos. E o inciso do Art. 208 da Constituição Federal (1988), “*VII*- atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.” (BRASIL. Constituição. Artigo 208, 1988). Isso assegurando, portanto, as condições básicas para que o educando possa permanecer ou ter acesso à educação que lhe é assegurado por lei.

O Estado de Alagoas tem sua própria resolução sobre o ensino do EJA. Essa resolução de Nº 18/2002-CEE/AL, aprovada no ano de 2002, tem como objetivo regulamentar a modalidade no estado de Alagoas, e tem o Governo do Estado como responsável, para atribuir tudo que foi discutido nessa resolução, no qual podemos ver logo em seu primeiro artigo, que coloca a oferta do ensino de jovens e adultos nas escolas estaduais:

Art. 1º - A organização e o funcionamento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA, a serem

oferecidos pelas unidades escolares do Sistema Estadual de Ensino de Alagoas, ficarão sujeitos às normas desta Resolução. (Nº 18/2002-CEE/AL)

Quanto ao seu Art. 2º mantém o direito básico de acesso à educação que já é previsto LDB. Já os Art. 3º e Art. 4º falam da educação no fundamental e básica presencial ou à distância e quem pode ofertar, no qual libera que instituições privadas possam também trabalhar com essa modalidade. E chegando ainda mais aqueles que estão excluídos, como é o caso da população carcerária, já que está na competência do poder público.

Na Resolução de maio de 2002 traz o Art. 6º que trata da formação do educador, que por sua vez terá que estar habilitado adequadamente para cada momento do ensino da modalidade como se pode ver a seguir.

Art. 6º - Os professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos deverão possuir a habilitação adequada a cada etapa e componente curricular, segundo exigências da legislação nacional e, ainda, preparação específica para a modalidade, sob a forma de processos de formação continuada e/ou pós-graduação. (Nº 18/2002-CEE/AL)

Sendo assim o professor deverá se especializar caso não a tenha, o que se deve fazer é encontrado no mesmo Art. 6º, que se coloca um parágrafo único no qual diz que, a instituição que oferta a modalidade deverá ser responsável para que o professor tenha essa especialização: “Cabe às mantenedoras das instituições que ofertam a modalidade Educação de Jovens e Adultos promoverem a formação dos seus docentes, de modo a contemplar as especificidades do trabalho educativo nessa modalidade”. (Nº 18/2002-CEE/AL). O Estado passa a obrigação para as instituições oferecer a especialização, entende-se que será normal ser posto para instituições privadas, mas no momento que se traz para as Escolas Estaduais, quem deve se propuser a fazê-los é o próprio Estado.

A carga horária que é proposta ao EJA se difere em dois momentos: do ensino fundamental que é retratado no Art. 8º, que por sua vez diz que os primeiros quatro anos de escolaridade sejam visto em 1.600 horas aulas, e o segundo momento que vai do quinto ao oitavo ano do fundamental tenha o mesmo tempo de curso de 1.600 horas, podendo ter uma reclassificação ou avançar no programa se passar mediante avaliação. Quanto ao Art. 9º que vem como a regularização de horas para o ensino médio que são de 1.200 horas mínimas, ou seja, podendo se estender. Vemos que são tempos curtos para se trabalhar uma grande quantidade de conteúdo, tornando um processo corrido sem o detalhamento e aprofundamento, tornando-se um grande desafio para que os educadores possam estabelecer um diálogo com o educando, visando um ensino crítico, e não apenas reprodução do conhecimento.

O Documento propõe como deve ser a proposta pedagógica, proposta essa que mantém o padrão proposto pela LDB- 9.394/96 o que se pode ver de chamativo está colocado em parágrafo único –“Propostas pedagógicas que estruturam experiências curriculares inovadoras, serão submetidas à aprovação do Conselho Estadual de Educação que as analisará com base no atendimento dos princípios da educação nacional, explicitados no Art. 3º da LDB - 9.394/96” (Nº 18/2002-CEE/AL). Há um ponto importante nesse parágrafo, que traz uma liberdade de certo modo para a criação de propostas que possam diferenciar e executar novos modelos.

Os Art. 12º ao 15º têm como finalidade de regulamentar a matrícula do educando na modalidade, o Art. 12º traz um ponto importante: “A matrícula dos alunos na Educação de Jovens e Adultos, presencial, com avaliação no processo, somente poderá ocorrer no Ensino Fundamental, após 15 anos completos, e no Ensino Médio, após 18 anos completos.” (Nº 18/2002-CEE/AL). Só poderá se matricular no ensino médio, o educando que tiver 18 anos completos, que por mais que se comprove que o educando tenha cursado o ensino básico completo, ele não se encaixa na modalidade, pois o mesmo deveria cursar o ensino regular, já que está na faixa etária que o corresponde.

A Geografia está inserida no ensino do EJA desde o primeiro momento em que se propõem os currículos para instrução básica, e transforma a Geografia, voltada ao trabalho, junto ao contexto de dia-a-dia do educando. Não é uma tarefa simples, e necessita-se de um olhar direcionado a essa modalidade.

### **32 O ensino de Geografia na modalidade ensino de jovens e adultos e o foco no mundo do Trabalho.**

Para que possamos entender um pouco como se dá essa modalidade de ensino, que tem como proposta a educação para todos. Iniciamos dizendo que ela se difere da modalidade regular por ser formada em sua grande parte por educandos que tem consigo saberes que conseguiu ao longo de sua vida por se tratar de pessoas que já estão inseridas no mercado de trabalho, ou são pais e mães, mas que mostram em sua grande maioria uma condição comum: são pessoas que foram excluídas desse meio enquanto crianças devido a um fator em sua maior parte de classes. Como podemos ver com Enio José Serra dos Santos (2008).

Jovens, adultos e idosos cursam esta modalidade de ensino porque, invariavelmente, as condições socioeconômicas nas quais se encontravam na

infância e na adolescência não permitiam ou dificultavam, para muitos, o próprio acesso à escola e, para outros, a permanência e a conclusão do processo de escolarização. Ora, essa é uma situação típica da classe trabalhadora, pois para essas pessoas a inclusão prematura no mundo do trabalho é, na maioria das vezes, um imperativo, uma exigência da vida (SANTOS. 2008, p.24)

Tanto o jovem e o adulto recorrem a essa modalidade por não se sentir mais parte do ambiente regular de ensino, quando os jovens por serem repetentes, por terem evadido da escola por diversos motivos, no qual um deles e em sua grande maioria devido ao trabalho que muitos casos não é opção e sim uma condição de vida, mas que querem voltar a estudar. É a necessidade de uma oportunidade onde se possa trabalhar sua especificidade, como é visto. Para SANTOS (2008, p.24) “E são os cursos de EJA que a recebem e devem, em função de todas essas características, pensar e construir outra escola, a escola pública para adolescentes, jovens e adultos trabalhadores”. Assim o educando tem um ambiente de ensino voltada para ele.

Com uma especificidade para o educando, que busca se reinserir, que traz consigo uma bagagem de conhecimento, o ensino de Geografia deve ser voltado a esses fatores, como é visto ainda em Leôncio Soares (2002, *apud* SANTOS. 2008, p.271), quando afirma que “neste sentido, o projeto pedagógico e a preparação dos docentes devem considerar, sob a ótica da contextualização, o trabalho e seus processos e produtos desde a mais simples mercadoria até seus significados na construção da vida coletiva”. Assim, dando uma posição de destaque ao trabalho formal ou informal para a formação no currículo do EJA, já que a temática do trabalho faz parte direta do seu currículo fazendo com que o meio atual em que o educando se encontra seja ainda mais valorizado. Com isso a Geografia deve se voltar a essa particularidade que consiste em um pilar norteador da modalidade.

O trabalho não é uma categoria central abordada na Geografia, como é o caso do Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar. Mas como uma ação humana, e dependendo de como se é colocado. Para SANTOS (2008, p.273), “Podemos dizer, então, que o trabalho é uma categoria fundamental para a análise espacial, mas com uma função auxiliar junto às principais categorias da Geografia, exercendo maior ou menor influência de acordo com a perspectiva teórico-metodológica adotada”. Assim podemos relacionar o trabalho com as categorias da Geografia.

Nos cadernos da EJA, o ponto de vista que o trabalho toma não é de emprego, mas sim com o ponto de vista espacial e o conceito de trabalho em função do aspecto sociedade e

natureza, e podemos ver como se coloca na conceituação do trabalho na Geografia quando se coloca o trabalho em evidência.

**Quadro 2: ABORDANDO O TRABALHO NA VISÃO GEOGRÁFICA**

<b>Coleção Cadernos de EJA</b>			
<b>Matérias didáticos / Aspectos do Mundo do Trabalho</b>	<b>Contexto curricular</b>	<b>Abordagem geográfica</b>	<b>Tratamento didático</b>
Conceito de trabalho	Caderno: Emprego e Trabalho Atividade: Cigarras, formigas trabalho, natureza e arte	Relação entre trabalho, produção e natureza	Interpretação de textos
Trabalho sob o contexto histórico do capitalismo	Caderno Emprego e Trabalho Atividade: O operário e os lugares	Rotina do trabalhador: Espaço vivido, segregação socioespacial, transporte coletivo urbano	Interpretação de texto Entrevista com trabalhadores
Trabalho e espaço geográfico	Caderno Meio Ambiente e Trabalho Atividade: Sociedade e paisagem	Relações sociais como geradoras de paisagem Apropriação da natureza e degradação das condições de trabalho	Leitura de imagem  Discussão e debate
	Caderno Globalização e Trabalho Atividade: Deslocamentos populacionais	Migração, trabalho e globalização	História de vida

**Fonte:** Coleção Cadernos de EJA (2007 *apud* SANTOS. 2008, p. 226)

O quadro traz o trabalho para o contexto geográfico, interpretando o espaço vivido, o que se encontra no campo e no urbano, assalariado ou não, e a forma como o trabalho muda a paisagem como um fator condicionante e faz dele parte da discussão da Geografia, e buscando uma emancipação do indivíduo quanto ao meio que se é posto, pois isso é o que a Geografia escolar deve buscar. E com essa estruturação que foi posta nos cadernos do EJA estimula a reflexão e o debate e a visão que o educando tem sobre cada tema proposto.

Com isso fica a cargo do professor um dos papéis mais difíceis, que é relacionar tudo que se é proposto pelo o currículo do da modalidade, com o que o educando traz consigo acumulado em sua vida esse conhecimento prévio dera um peso maior para Geografia em relação à vida desses educandos.

### **3.3 A visão de Paulo Freire e o Ensino de Jovens e Adultos.**

Segundo Freire (1994), a liberdade e superação no sentido humano por partes daqueles que historicamente sofreram e sofrem com opressão de seus opressores, não será apenas como a inversão de valores, mas tentando mudar a relação entre os que eram oprimidos, e agora se pôr no sentido de desconstruir essa situação, não oprimindo o opressor, mas libertando ambos os lados.

Os jovens e adultos que antes não se reconheciam como parte do movimento escolar, ou os que não tiveram a oportunidade de se emancipar através do estudo, para que por si só consiga igualizar, é a forma para se opor a situação de oprimidos e ditos por Paulo Freire, como: “A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização.” (FREIRE. 1994, p.17). A forma como se nota o mundo faz com que aqueles que são subjugados e que podem através da luta para obtenção do conhecimento e sua emancipação continuarem o processo que só pode ser realizado por aqueles que antes foram oprimidos.

Entender essa forma de ensino e passar não apenas para o oprimido, mas para todos, quebrando o paradigma da inversão em seus valores. O ensino de Geografia no EJA, pode contribuir com o processo de transformação do pensamento crítico do educando, problematizando a forma como o educando vê o mundo, e se fazendo valer de suas

experiências de vida, fazendo reconhecer os aspectos que, por exemplo, os inserem nessa modalidade, e como se deu a situação que lhe é posta.

O desafio do pensamento de libertação transforma e adere a ele um pensamento crítico, como uma forma de ensino de jovens e adultos que se encaixam no perfil dos oprimidos, e que é voltada a esse fundamento tem como pensamento básico a ação de libertação.

A aceitação do conhecimento do outro e a negação de seu próprio saber, aprisiona o indivíduo dando menos liberdade e se calando como podemos ver com Paulo Freire.

Não são poucos os camponeses que conhecemos em nossa experiência educativa que, após alguns momentos de discussão viva em torno de um tema que lhes é problemático, param de repente e dizem ao educador: “Desculpe, nós devíamos estar calados e o senhor falando. O senhor é o que sabe; nós, as que não sabemos. (FREIRE. 1994, p. 28)

Assim se atribui ao educador a condição de se permanecer como tal, quando na verdade deve ser instigado ao educando, o seu próprio poder de percepção e reflexão crítica tomando conhecimento de sua situação de oprimido, para poder fazer frente às ideias opressoras.

Freire propõe a idealização no qual ninguém liberta ninguém, e muito menos se liberta sozinho. É necessário um conjunto, no qual o método não é só dirigir como ferramenta de manipulação o oprimido, e se fazer uma interação, onde ambos os docentes que ele chama de liderança e o discente que ele traz como massa, no qual ambos realizam a ação de analisar, refletir e transformar o conhecimento. O engajamento do oprimido se dá em uma ação de luta por sua libertação. Entendendo assim que uma forma viável de ensino no EJA se passa pela discussão, e reflexão do tema problematizado, e não apenas a exposição do conteúdo, pois o ponto tratado por Paulo Freire é que com essas reflexões os educando possa a ter um papel mais igualando ao do educador, forçando-o a buscar ainda mais conhecimento por si.

Contra a ideia de libertação do educando por uma forma dialógica, está o que Freire (1994) chamou de “Educação Bancária”, que por sua vez se trata do docente como detentor do conhecimento e dono da palavra no qual o discente não passa de um receptáculo vazio, que será preenchido como uma forma de depósito, no qual o docente memoriza e acessa a informação quando necessário, sem qualquer forma de busca pelo conhecimento diminuindo a capacidade de se inserir no mundo como transformador.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se,

funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE. 1994, p.39).

O diálogo na educação aproxima educador e educando criando a possibilidade de ambos se educarem e uma contribuição que coloca os dois como sujeito no processo de ensino e aprendizagem. Diferindo do modelo que é apenas de depositar o conhecimento, o modelo “bancário”, que por sua vez vê o educador como único sujeito detentor do conhecimento.

Assim como FREIRE (1994, p.39) coloca que: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” Com essa relação de comunhão faz com que cresçam juntos, causando uma diferenciação quanto ao outro modelo que o educador se debruça sobre o que será abordado e que repassa para o educando de forma decorativa. Também fazer com que o educando busque por si mesmo o conhecimento e trazendo o que foi visto para aula contribuindo com a discussão que será abordada, assim na Geografia que todos podem ter um novo olhar sobre o mesmo, debater e problematizando, discutindo e retirando a ideia de decorativa e passando ainda mais para um ponto de vista crítico, ajudando no crescimento do educando da modalidade de jovens e adultos.

Paulo Freire (1996) trás o sentido de que não existe um educador sem um educando, no qual a prática do ensinar está ao mesmo tempo ligada ao aprender, e que a ação de aprender precede a ação de ensinar, quando ele coloca, que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.” (FREIRE, 1996, p.13). Portanto formar maneiras, caminhos para se ensinar, e continuar o processo de maneira crítica, fomentando, problematizando para que o discente continue a buscar por si mesmo o conhecimento, que novamente podemos deferir do modelo que vimos um pouco atrás, que é o “bancário”.

Educador crítico deve se manter rigorosamente em seu método como é proposto por Freire, e não se voltando ao simples passar de saberes, como podemos ver a seguir.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. (FREIRE. 1996, p.13)

É necessário incentivar o educando à forma, reforma o conteúdo, ajudando em seu caminho em busca do saber, não apenas passando de forma que o mesmo não precise pensar ou criticar, e perceber como o ponto de vista particular o conteúdo ali proposto, mas que se faz necessário guiar o pensamento do educando para que possa atingir os objetivos que são colocados.

É importante lembrar também a importância da pesquisa. “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres que se encontram um no corpo do outro” (FREIRE 1996, p. 15). A necessidade de sempre buscar novos conhecimentos legitima o saber que o próprio Paulo Freire denominado de, como saber verdadeiro, pois o fato de não apenas reproduzir conteúdo e sim discuti-lo, tentando de certa forma diminuir o problema de espaçamento da Geografia no ensino básico com o acadêmico, pois buscar novos saberes e maneiras de melhorar a relação de educando e educador, pode ser usada para minimizar mesmo que pouco essa lacuna que difere tanto a Geografia no ensino.

Ao mesmo tempo em que se coloca esse conhecimento, deve se levar em conta o conhecimento que o educando trás consigo ao decorre de suas experiências de vida, e esse ponto de vista que o educando tem, deve ser problematizado de uma maneira que se alcance os objetivos traçados.

Ensinar é também respeitar a autonomia de ser do educando como é dito por Freire (1996), respeitar as diversidades e entender que supre o educando, em sua curiosidade no querer aprender novas coisas, é ao mesmo tempo negligenciar a prática do ensino, havendo um respeito entre educador e educando, atingido isso através do diálogo.

Assim ensinar no EJA segundo o mesmo, é de antemão respeitar os saberes e as experiências de vida do educando, dialogando e aproximando essa relação entre os dois, que não deve-se diferenciar a ação de ensinar com a de aprender, pois ambos se completam e com isso levando o transcender. Os educandos são seres culturais, originários e produtores de cultura.

Utilizar-se do método com o mesmo pensamento, que Paulo Freire tem para educação, que é de transformar, transforma o ensino de Geografia no ensino, não só do EJA, mas como do ensino regular, não apenas trazendo o cotidiano do educando para aulas, mas através da dialogicidade, o educando se utilizar da Geografia em sua vida.

A modalidade de ensino de jovens e adultos tem a necessidade de conteúdo específico que por sua vez valorizem o saber do educando, e lidar com estes saberes, e todas as peculiaridades que o educando e a modalidade de ensino tem a necessidade de se ter uma formação específica para essa modalidade se é posta na mesa como é tratado por Leôncio José

Gomes Soares, e Ana Paula Ferreira Pedroso, “a formação dos educadores tem se inserido na problemática mais ampla da instituição da EJA como um campo pedagógico específico que, desse modo, requer a profissionalização de seus agentes” (2013, apud, SOARES, 2008, p. 85).

Com um conteúdo voltado para o trabalho como é pro posto pelas normas, assim como todos os aspectos que se tem na EJA, se faz valer a discussão de se ter essa especialização para conseguir uma maior formalização na modalidade.

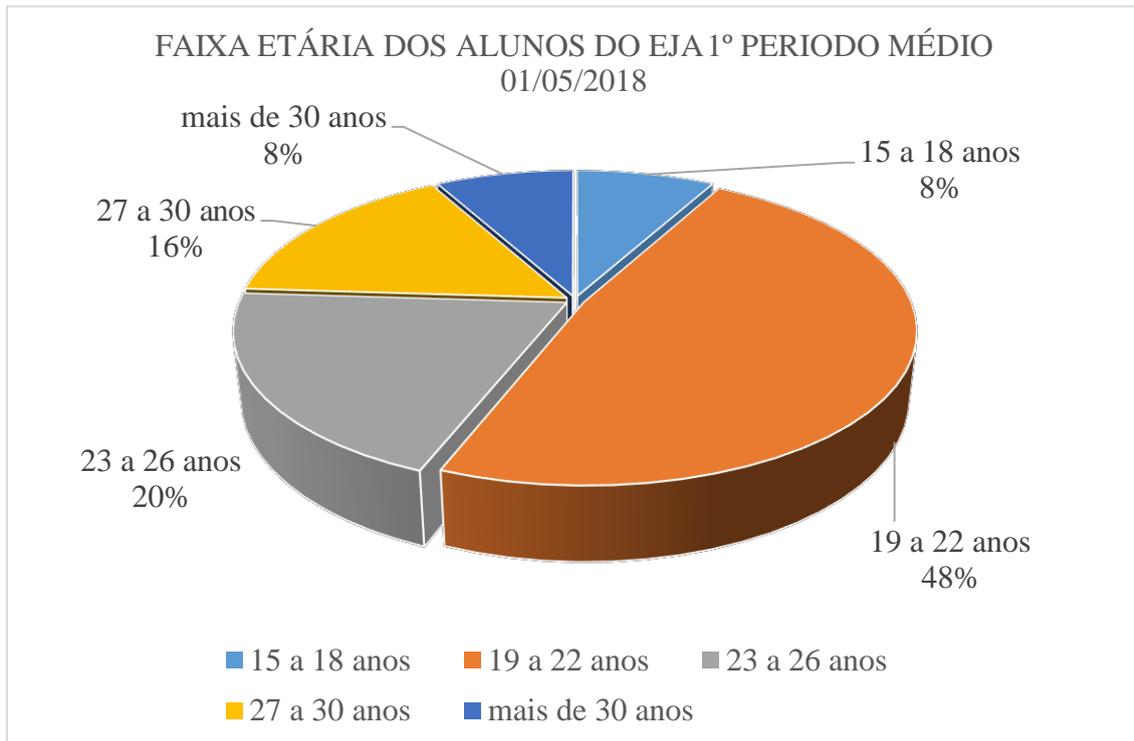
## **4 O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO EJA NA ESCOLA ESTADUAL WATSON C. DE GUSMÃO SILVA**

A proposta deste capítulo é identificar as práticas e perfis do educando e do educador do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva, buscando entender quais suas percepções para o ensino da Geografia.

### **4.1 O Educando do ensino de EJA da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva**

O educando do EJA, que, de acordo com FREIRE (1987), é tido como oprimido e que é marginalizado, foi deixado às margens do acesso à educação básica por diversos motivos, e tem nessa modalidade a oportunidade de se integrar e recuperar o que perdeu por falta de oportunidade.

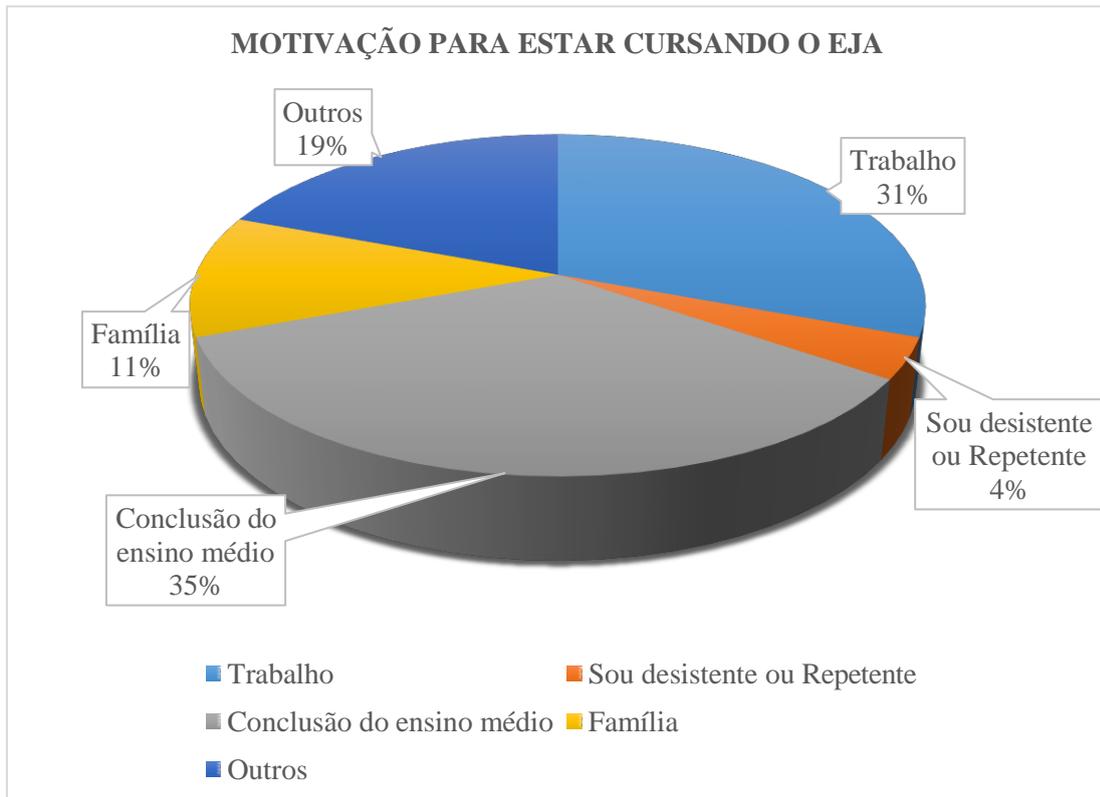
Com isso pode-se observar logo a baixo no gráfico 1, a faixa etária dos alunos que cursam a modalidade, e sua maior parte formada adultos, no qual 48% tem entre 19 e 22 anos e aqueles que passam dos 30 anos tem sua representação em 8%, com o mesmo valor de jovens entre 15 e 18 anos que equivalem aos mesmo 8%. Esses dados foram coletados no 1º período do EJA, no dia 01 de maio de 2018.

**Gráfico 1: FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS DO EJA 1º PERÍODO MÉDIO**

Uma sala formada em sua maior parte por educandos abaixo dos 30 anos. Um ponto importante são os 8% de 15 a 18 anos, já que o Art. 12º da Resolução Nº 18/2002-CEE/AL que diz que o ensino do EJA deve ter 18 anos completos, por mais que não seja o caso, vale lembrar dessa condição proposta na Resolução, e que por sua vez não estará fora de cogitação que podem haver educandos fora da faixa etária exigida na resolução.

Essa faixa etária mostra que o tempo que educando do EJA passou fora da sala de aula ou teve qualquer problema com a educação, tem em sua maior parte uma diferença de no mínimo quatro anos.

É importante saber a motivação que os educandos têm referente ao ensino da EJA, para que possamos entender o que eles buscam, e quais suas expectativas para o futuro, e poder refletir o tamanho da responsabilidade que tem a modalidade, quanto a esses sonhos ou expectativas. Assim sendo poderemos ver no gráfico a seguir, os motivos que levaram a escolha da modalidade.

**Gráfico 2: MOTIVOS PARA ESTAR CURSANDO O EJA**

É notável que os principais motivos que os levaram à escolha da modalidade foram o desejo de conclusão do ensino médio com 35%. Isso mostra que estão focados em prosseguir até o fim dos módulos, e o outro motivo é o trabalho com 31%, mostrando que mesmo trabalhando, o interesse para continuar os estudos se faz valer, sem escolher independentemente da modalidade.

Outro motivo para alguns estarem cursando o EJA – 4% - foi o fato de serem repetentes, que, é algo de certa forma relevante. E a família também tem um papel importante em apoio para continuidade dos estudos. 11% dizem que a sua motivação para estar cursando a modalidade, ou até mesmo estudando, é o apoio da família. E 11% revelaram que outros motivos contribuíram para estarem presente na sala do EJA.

O que cada um almeja para seu futuro, e quais suas expectativas para ele, traz um dado importante quando muitos deles responderam que o que eles esperam para esse futuro, é de “ingressar na faculdade”, o desejo de continuar os estudos e continuar se aprimorando cada vez mais independentemente de área escolhida, e muitos outros preferem concluir os estudos e logo conseguir um emprego, foram as duas principais respostas, para o seu futuro no EJA.

Na medida em que se percebe o desejo de cada educando do EJA, nota-se uma busca pelo conhecimento como podemos perceber quando a resposta quando perguntado o que eles

esperam do futuro no EJA? Obtêm-se as seguintes respostas: “Aprender mais, só isso”, “Espero que eu aprenda mais, e que eu termine meus estudos, para que eu realize meus sonhos, e arrume um bom emprego”. Assim a busca do educando de se fazer valer o tempo perdido, demonstrando interesse ao buscar o aprendizado, colocando-o em condição que vimos com Paulo Freire, que é quando o educando deixa de ser passivo ao que lhe é apenas proposto, mas que busca por si próprio o, junto ao educador o conhecimento.

#### **42 Sobre o perfil do educador de EJA da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva**

A dialógica proposta por Freire (1994) tem como ideia aproximar o educando e o educador. Assim sendo o papel do educador deixa de ser apenas de um transmissor de conteúdo, e passa a ser de problematizador, devido a isto, esta parte do trabalho foca-se na figura do Educador.

O professor de Geografia no ensino de jovens e adultos da escola Watson se graduou no ano de 2006, e tem em sua formação na área de Geografia, formado na instituição AESA de Pernambuco, Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – PE, na cidade de Arcoverde-PE.

Possui especialização na área de Gestão Ambiental, pela UNEAL no ano de 2007 a 2009, e na área de Pedagogia, mas na Geografia não tinha nenhuma e pretende futuramente fazer mestrado na área. E tratando do mesmo tema, quando perguntado se o mesmo possuía qualquer tipo de especialização no EJA, ele responde que não, e que o EJA foi implantado na escola de maneira abrupta, não tendo material específico para modalidade, e não sendo feito nenhum tipo de treinamento.

Isso vai de encontro com a Resolução (Nº 18/2002-CEE/AL), no Art. 6º diz que deve se ter especialização específica na modalidade, em especial sobre o processo de formação contínua, e ainda no mesmo artigo, diz que caso não aja essa especialização, é dever da instituição que oferta a modalidade disponibilizar essa formação, ficando sobre responsabilidade da escola a habilitação dos seus educadores, tarefa que deveria ser a cargo do Estado.

A forma com que foi colocada a modalidade na Escola Watson deixou o professor sem os conhecimentos básicos sobre normas e regulamento do EJA, e o professor relata que o conhecimento dessas normas é dado com o decorrer do tempo, e cita um exemplo: “Com

*relação à progressão parcial que o aluno tem direito, a gente forma uma banca, e a partir dessa banca, a gente dá direito aos meninos para não perder um período, dá o direito de cursar o período seguinte, ficar devendo o período anterior, e pagar aquelas matérias que ficaram devendo. Esse é um dos direitos”.* O professor fica sem saber qual a norma que atualmente está imposta a ele no Estado de Alagoas, e passa a descobrir aos poucos na medida em que segue no EJA.

E não houve uma transição ou proposta para escolha do educador. Foi feita uma retirada do ensino regular aos poucos no horário noturno, passando a ser apenas do EJA, e que não houve uma transição, pois a escola não estava preparada para tal. No ano de 2016 para 2017, houve uma análise por parte do corpo docente da escola para analisar os conteúdos propostos e foi constatado que eram praticamente os mesmos, mas cabe lembrar que na área da Geografia, o conteúdo pode ser o mesmo, mas deve ser trabalhado de maneira voltado ao trabalho como é proposto na cartilha do EJA.

#### **43 “O ensino aprendizagem no EJA na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva: realidades, deficiências e desafios”**

O ensino da Geografia no EJA, como o educando da modalidade encara a ciência, e quais as percepções sobre a mesma. E o principal fato que eles acharam foi que se trata de ensino importante, mas que era visto de forma corrida, e como colocado por alguns como uma *“matéria que abrange tudo, se pensar bem”* (ALUNO 1, 2018), e que prende a atenção do educando, tirando a ideia de que a disciplina de Geografia é apenas decorar, e fazer valer o que é proposto por Freire com a problematização dos conteúdos, com os debates dos temas relacionando a vida dos alunos a o que eles veem em sala, deixando de ter só o caráter de ensino “bancário”, e passando a ter uma forma libertária que é proposta pro Paulo Freire.

Com isso há a possibilidade de ter uma Geografia que se possa estar ligada ao seu cotidiano, e interligada ao saber que cada educando traz consigo de sua experiência de vida, fazendo com que mude sua percepção por ela. Como discutido por muitos dos educandos, ao se tratar como eles relacionavam o que se aprendia na disciplina em sala de aula com o seu dia-a-dia. As respostas como *“nunca pensei na possibilidade”* (ALUNO 2, 2018), em contra partida houve uma resposta que vai de encontro as demais que foi, *“Ao sair de casa, já utilizamos a Geografia, ou seja, pra chegar até a escola utilizamos uma mapa na nossa cabeça”*, (ALUNO 3, 2018). A percepção do educando a utilização da Geografia de uma

maneira por mais que simples, mostra a presença no cotidiano do educando, levando a relacionar o que se debatido em aula com o seu cotidiano. Relacionar o que se passa no mundo com local, encontrar o ponto o que se pode ver, já que uma boa parte dos educandos diz que utiliza na observação do espaço vivido. E a forma como utiliza esse saber em sua vida, na forma com que o espaço urbano está sendo usado.

O ensino da Geografia no ensino de jovens e adultos está relacionado ao trabalho como vimos anteriormente, e que por sua vez difere do que é proposto pelo ensino regular. A profissionalização é muito citada por parte dos educandos, como podemos notar, “*Concluir o EJA, para que eu possa ter um bom emprego, cursar em uma faculdade*” (ALUNO 4, 2018). O educando que cursa o EJA, está ligado em sua boa parte, com o mundo do trabalho, já que faz parte de uma das formas que se tem o oprimido. Assim, é de se esperar que um de seus objetivos seja melhor condição no trabalho, sem contar que a modalidade tem como base para formação de conteúdo o trabalho, como é visto na idealização do currículo do EJA como está, “neste sentido, o projeto pedagógico e a preparação dos docentes devem considerar, sob a ótica da contextualização, o trabalho e seus processos e produtos desde a mais simples mercadoria até seus significados na construção da vida coletiva”. (SOARES. 2002, *apud* SANTOS. 2008 p.271). E o que os educandos notam na verdade sobre o ensino da Geografia é que é “muito resumido”, que não aprofunda no assunto e passa apenas por cima do assunto, e isso podemos atribuir ao tempo reduzido que o educador tem para trabalhar, já que o curso no ensino médio deve conter 1.200 horas, fazendo com que o educador tenha que acelerar o conteúdo. E a maioria tem uma visão de uma disciplina “cansativa”.

Trazer a Geografia para um ponto no qual o educando sinta a que é bem mais importante do que só memorizar nomes de capitais e estados, como quando eles colocam que a Geografia é “Uma matéria muito importante, para aprender mais sobre o mundo da Geografia, etc.” (ALUNO 5, 2018), ou seja, o que se passa no mundo tendo um impacto na forma como o educando enxerga o mundo.

Assim sendo, o educando do 1º EJA da escola Watson é relativamente jovem, tem como meta concluir os estudo do ensino médio, e alguns tem objetivo de logo que se concluir ingressar no mercado de trabalho; já outros pensam em continuar os estudos e ingressar numa faculdade, tendo a Geografia como importante, pois abrange uma grande quantidade de assuntos que levam para seu cotidiano. Por mais que outros não vejam como ela se encaixa, que o principal problema que se pode notar é tempo, que faz com que se resuma o assunto proposto em sala de aula.

O tempo de aula no EJA é reduzido e traz consequências, como relatados pelos próprios educandos, quando falam que a Geografia é importante, porém muito reduzida, mostrando que isso é um empecilho, como podemos perceber quando eles falam: “*A Geografia no EJA é muito resumida.*” (ALUNO 6, 2018), e mesmo com essa noção de falta de tempo, o educando se mantém firme em seus objetivos. Quando perguntado a ele qual a diferença que eles notam nos ensinamentos da Geografia do EJA em relação ao ensino regular, logo se observa que “*A rapidez. E em pouco tempo que temos que aprender o básico para entrar na faculdade*” (ALUNO 7, 2018). Da mesma forma o educador diz que o tempo que eles têm é pouco, mas que é bem mais viável do que o educando se submeter a fazer o supletivo, e esse tempo por mais que pouco, vai inseri-los novamente na escola, e fazer com que eles aprendam algo.

O tempo proposto na modalidade de ensino do EJA visa acelerar a permanência do educando na escola, fazendo com que os conteúdos sejam trabalhados de forma diferentes, mas o fato de não se ter uma especialização voltada para a modalidade torna-se mais difícil, já que o Estado ou a escola deva fornecer essa especialização como vimos no Art. 6º do DECRETO (Nº 18/2002-CEE/AL), mas que não houve como colocado pelo educador “*Agora vai ser implantado o programa de EJA, não tivemos treinamento, nem material didático. A gente não teve, e ainda não tem, na verdade a gente trabalha com o mesmo material didático que o pessoal do regular, que eu acredito que não é o material específica para o EJA.*” Além de não haver o treinamento, que por lei é uma condição para se habilitar o educador para ministrar as aulas de EJA, o educador não tem material específico para se trabalhar, fazendo com que se deve improvisar com o material da modalidade regular e com isso ainda relacionar ao trabalho, que não esqueçamos, é uma condição para se trabalhar as aulas da Geografia na modalidade.

É uma diferença entre o ensino regular e o EJA, por parte do educador é que o ensino regular da Geografia é o tempo e o caminho a percorrer, pois no regular se tem todo o mecanismo pronto para ser trabalhado, como relatado pelo educador “[...]eles tem todo um mecanismo de aprendizagem, tem todo tempo, tem tudo aquilo que o ensino vem favorecer para eles[...]”, ou seja a estruturação do ensino regular, vai faltar no ensino do EJA na escola Watson, e que faz falta, para o educador montar uma aula mais apropriada para a modalidade. E no EJA o fato de se ter o educando que passou por um longo período de tempo sem entrar em uma sala de aula dificulta, e a grande diferença é o trabalho que se faz no dia-a-dia. Com a necessidade de encaixar o educando, deve se aplicar metodologias diferenciadas, que se aplica

no cotidiano do educando, prendendo seu interesse no que se é discutido, e trabalhado com ele.

O educador fala que o trabalhar com o EJA, é diferenciado, pois o protagonismo não é do educador, e sim do educando. Assim ele se torna o sujeito, tornando-se mais ativo e participante, e o corpo docente e toda a comunidade deve estar junto a eles apoiando, segundo o educador do EJA, que poderemos ver a seguir.

[...] existe uma possibilidade, e essa possibilidade é fazer os meninos do EJA sejam evidenciados, sejam protagonista, a gente, a escola ela tem uma ideia de protagonismo juvenil, trazer os jovens para serem atores, para serem especiais dentro de um contexto, mas nós do EJA temos esse protagonismo, só não são mais juvenis, são adultos, e esse pessoal são favoráveis a isso, são participantes, e quanto mais eles participam, mais eles gostam de participar. [...] (FREIRE, 1994. P. 18)

Isso nos mostra o que o autor relaciona o educando como sujeito junto a seu educador, e não apenas como um recipiente no qual se deposita o conhecimento. O educando proativo, tem a iniciativa de obter novos conhecimentos. E a esse motivo e a outros o educador quando perguntado se ele se identifica com o ensino do EJA eles respondem que sim, e que se o EJA deixar de existir no colégio Watson ou em qualquer outro seria uma pena.

E para o educador a maior dificuldade são os conteúdos, como podemos perceber quando perguntado a ele sobre essas dificuldades: “[...] *Os conteúdos. Os conteúdos não são adaptáveis o professor precisa fazer essa adaptação [...]*”. E pode-se notar que a uma dificuldade do educador, já que os conteúdos não são fáceis de adaptar para o EJA, assim volta-se para o ponto em que se discutiu aqui nesse trabalho, sobre as cartilhas do EJA, e nas matérias específicos para se trabalhar, junto de uma especialização voltada para a modalidade, assim o próprio educador teria ferramentas para exercer melhor o seu método de ensino, e fazendo valer ainda mais essa modalidade que traz de volta o oprimido para sala de aula, e que busca resgatar o que foi perdido. E o reconhecimento, de seu trabalho vira assim como foi dito pelo próprio educador, que vê maior reconhecimento de seu trabalho quando um educando se forma.

Assim, as dificuldades tanto do educando, quanto do educador, são as de relacionar a Geografia com o seu cotidiano por partes dos educandos, e para o educador, conseguir trazer os conteúdos para a modalidade de EJA, e ambos têm o tempo de aula como problema, para melhor desenvolvimento do conteúdo proposto em aula, que se torna limitado, como os próprios educandos frisaram em sua percepção quanto ao ensino de Geografia no EJA.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do atual estudo proporcionou fazer uma análise sobre o ensino de Geografia na modalidade de Jovens e Adultos (EJA) a partir das diretrizes voltadas para o mesmo, e a prática de ensino-aprendizagem na Escola Watson Clementino de Gusmão e Silva. Com um resgate histórico do ensino de Geografia no Brasil, uma reflexão sobre a forma com que o EJA foi proposto na escola e suas dificuldades encontradas.

De uma forma geral, foi possível analisar que o ensino de Geografia no Brasil passou por mudanças ao longo do tempo até sua atual condição. Esses períodos são a necessidade de afirmação do território brasileiro. A reestruturação do ensino da Geografia, a retirada do ensino de Geografia dos currículos básico nacional, e por fim mudanças profundas no ensino, incluindo o ensino básico.

Ao mesmo tempo em que podemos ver um pouco do ensino da disciplina atualmente, dialogando com diversos autores, sem contar a contribuição quanto ao pensamento de Paulo Freire para o ensino, e a relevância que tem sobre o ensino do EJA. Da mesma forma, em podemos nos aprofundar sobre as diretrizes a qual o EJA se submete, para analisar o conjunto que regulamenta a modalidade de ensino. E ainda a especialização que se faz necessária para o educador de Geografia, para que possa melhor relacionar os conteúdos com que a proposto principalmente com os cadernos do EJA, e aproxima a Geografia da academia com a Geografia do ensino básico.

A aplicação dos questionários serviu para poder analisar como o educando do EJA vê a Geografia e sua importância para seu cotidiano, onde nos permitiu entender a forma como é a relação do educando com o educador, e se o que problematizado em sala de aula é assimilado pelo educando, fazendo com que consiga aplicar ou perceber em seu cotidiano onde a Geografia está relacionada.

A entrevista realizada com o educador foi crucial na problematização do ensino de Geografia na escola Watson, no qual foram colocados dificuldades e problemas encarados por toda a classe de docentes da Escola, junto ao questionário poder refletir sobre o ensino-aprendizagem, e a importância da modalidade para a sociedade, já que dá oportunidade daquele que antes oprimido, frequentar novamente a sala de aula, e até mesmo ajudar na sua profissionalização, como é a aspiração de grande maioria que cursa o EJA na escola Watson.

Devido à importância do tema, fica clara a necessidade de desenvolvimento de projetos que busquem uma formação continuada do educador, para melhor atender as diversas necessidades dos educandos que estão cursando a modalidade de ensino, e potencializando as habilidades do educador, dando uma diferença na prática de ensino, já que não se trata de uma modalidade regular.

No mais, o conjunto de análises feito para se avaliar o ensino de Geografia no EJA a partir das diretrizes nacionais e da prática de ensino-aprendizagem na escola Watson Clementino de Gusmão Silva, fica evidente que há uma necessidade de melhor preparação por parte da entidade escola quando se trata das normas do EJA, garantindo ao educador uma especialização na área da modalidade, buscando melhorar a relação ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ALAGOAS, Resolução N° 18/2002, de 21 de mai. de 2002. **EMENTA**. Regulamenta a Educação de Jovens e Adultos no âmbito do Sistema Estadual de Ensino de Alagoas e dá outras providências. Maceió, AL, maio. 2002
- ANDRADE, Manoel Correia de. “**Trajatória e compromissos da geografia brasileira**”. In: Carlos, A. F. A. (org.). *A geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2015.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Secretaria da Educação Continuada, alfabetização e diversidade. Diretoria de Política de Educação de Jovens e Adultos. **Princípios da Educação de Jovens e Adultos, Fundamentos Legais**. Brasília. Disponível em: <<http://www.ceeja.ufscar.br/legislacao-vigente-para-a-eja>> Acesso em 20/05/2018.
- \_\_\_\_\_, **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em 18/05/2018.
- \_\_\_\_\_, **Constituição** (1998). Constituição da república Federativa do Brasil. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)> Acesso em 18/05/2018.
- CARVALHO, Maria Inez. **Fim de século: A escola e a geografia**. 3. Ed. Ijuí: Unijuí, 2007.
- CASTELLAR, Sônia. **Ensino de Geografia**. São Paulo: CengageLearning, 2010.
- FARIA, M. O. de. **Em busca de uma epistemologia da geografia escolar: a transposição didática**. 231f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**, 17<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.
- MORAES, Antonio Carlos Robert de. “**Renovação da Geografia e filosofia da educação**”. In: Oliveira, A. (org.). *Para onde vai o ensino de geografia?* São Paulo: Contexto, 2008.
- SANTOS, Enio José Serra dos. **Educação Geográfica de Jovens e Adultos trabalhadores: Concepções, políticas e propostas curriculares**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2008.

SILVA, J. L. B. de. “**O que está acontecendo como o ensino de Geografia?** - Primeiras impressões”. In: OLIVEIRA, a. U. de. (org.). *Geografia em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2009.

SOARES, Leôncio José Gomes; PEDROSO, A. Paula Ferreira. **Dialogicidade e a formação de educadores na EJA**: As contribuições de Paulo Freire. Campinas, Educ. temat. digit., 2013

VESENTINE, José William. “**Geografia crítica e ensino**”. In: Oliveira, A. (org.). *Para onde vai o ensino de geografia?* São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. “**Educação e ensino da geografia: instrumento de dominação e/ou de libertação**”. In: Carlos, A. F. A. (org.). *A geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2015.

WETTSTEIN, Germán. **O que se deveria ensinar hoje em geografia**. In: Oliveira, A. (org.). *Para onde vai o ensino de geografia?* São Paulo: Contexto, 2008.

**APÊNDICE**

## Apêndice A

Questionário para os alunos de Geografia na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA)

1. Qual a sua idade?
  - 15 a 18 anos
  - 19 a 22 anos
  - 23 a 26 anos
  - 27 a 30 anos
  - mais de 30 anos
  
2. Qual o motivo para estar cursando o EJA?
  - Trabalho
  - Sou Desistente ou repetente
  - Conclusão do ensino médio
  - Família
  - Outros
  
3. O que você espera para seu futuro no EJA?
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
4. O que você Acha do ensino de Geografia no EJA?
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
5. Como você relaciona o que se aprende na Geografia na sala de aula com o seu dia-a-dia?
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
6. Qual a diferença que você pode notar na Geografia do ensino de EJA, que se difere do ensino regular?

## Apêndice B

Entrevista oral com transcrição feita com o Professor de Geografia do Ensino de Jovens e Adultos (EJA)

1. Qual sua formação?

R- *Primeiro boa noite. Fico feliz em poder engrandecer seu trabalho, e poder contar com isso, que venha ajudar no seu subsídio, no seu trabalho no dia-a-dia. Você pergunto a formação, foi isso? A minha formação é na área de Geografia, sou formado na área de Geografia me formei no ano de 2003.*

2. Qual instituição de formação?

R. *A instituição foi AESA de Pernambuco, Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – PE, na cidade de Arcoverde.*

3. Em que ano se formou?

R. *No ano de 2003 a 2006.*

4. Possui alguma especialização na área de Geografia?

R. *Sim, especificamente em Geografia não, eu fiz no ano de 2007 a 2009 na área de Gestão Ambiental, eu sou especialista em Gestão Ambiental pela UNEAL, certo. Na área de Geografia não fiz nenhuma, fiz na área de Pedagogia. Não tive oportunidade ainda, mas pretendo fazer um mestrado na Geografia.*

5. Possui algum curso ou especialização no Ensino de Jovens e Adultos (EJA)?

R. *Não. Olha, o EJA quando foi colocado aqui na escola Watson, ele foi colocado, assim de uma forma abrupta, a gente chegou, trabalhava com o regular e disseram: Agora vai ser implantado o programa de EJA, não tivemos treinamento, nem material didático. A gente não teve, e ainda não tem, na verdade a gente trabalha com o mesmo material didático que o pessoal do regular, que eu acredito que não é o material específico para o EJA. A gente faz isso por conta que os conteúdos basicamente são iguais, é ensino médio, mas eu acho que o EJA deve ser diferenciado, eu gostaria muito de fazer um trabalho em relação ao EJA, mas infelizmente o Estado não dá subsidio para isso, tempo para fazer é outra coisa que nós não temos, você sabe que professor de educação básica ou trabalha em duas ou três escolas ou não consegue trazer o alimento pra casa, você sabe que as coisas hoje são delicadas, mas eu pretendo muito trabalhar, eu gosto muito de trabalhar come EJA, vejo um público*

*diferenciado, vejo um público bom, são uns meninos bons de trabalhar, mas carece muito para se chegar a um ideal que a gente deseja.*

6. Conhece o regulamento e normas do EJA?

*R. O regulamento de normas, eu conheço o regulamento, normas da escola a qual o EJA está inserido, mas do EJA especificamente, a gente não teve acesso a esse regulamento não. Se tem um regulamento e normas, vamos aprendendo de acordo com o que nos mandam. Por exemplo: Com relação a progressão parcial que o aluno tem direito a progressão parcial, a gente forma uma banca, e a partir dessa banca, a gente dá direito aos meninos para não perder um período, dá o direito de cursa o período seguinte, ficar devendo o período anterior, e pagar aquelas matérias que ficaram devendo, essa é um dos direitos, mas diferente do regular os direitos são praticamente os mesmo a única diferencia em relação ao tempo de aula que é menor, o tempo de termino do curso que é menor, isso ai nós aprendemos no dia-a-dia, aprendemos na pratica.*

7. Como surgiu a proposta para trabalhar com EJA?

*R. Veja só, ano de 2011 ou 2012, não estou lembrado exatamente qual foi a data, como eu trabalhava a noite com regular, e gradativamente o regular foi sendo tirada e transformada em EJA a gente foi fazendo alternância certo, e o convite veio, vocês trabalham no regular, agora vamos trabalhar com o EJA, mas como eu disse anterior mente, o subsidio muito pouco, o material muito pouco, o conteúdo não nos passaram, e a gente trabalha igualmente com o regular.*

8. Houve um planejamento para transição do ensino regular para o EJA?

*R. Não, não houve, por que a escola não se programou para isso, não teve como se programar, e eu acredito que no ano de 2016 para 2017, a gente pego e fez uma análise de conteúdo e nós vimos que os conteúdos que nós trabalhamos no ensino regular estão basicamente dentro de trabalho de EJA, a diferenciação em relação ao tempo, o tempo é menor, o repasse de conteúdo é menor, a hora aula ela é menor e pro isso nós temos que trabalhar de uma maneira diferenciada, certo. E o público é diferenciado são adultos, que eu mesmo digo nas salas de aula: “- Vocês não tem mais tempo a perder, o tempo que vocês perderam com relação à educação, vocês tem que recuperar”. Certo, eles têm consciência disso.*

9. É viável a redução no tempo de aula, vai ajudar a recuperar o tempo perdido?

*R. Acredito que não. Não recupera, mas é um impulso, é um impulso por que vai fazer com que ele ao mesmo tempo que está inserido na escola no contexto educacional, no contexto de ensino e aprendizagem, ele está frequentando uma sala de aula. O bom é que ele*

*frequente a sala de aula, é muito melhor ele fazer um EJA, do que fazer um provão da vida. Por que muito melhor? Por que ele está aprendendo no dia-a-dia, e você viu mesmo hoje, os meninos estão participando, quando tem trabalho, ele participam, eles pedem pra fazer trabalho e projeto, mesmo que muito deles não tiveram a oportunidade durante o tempo que tiveram em sala de aula, estão retomando agora, e essa retomada faz parte do crescimento deles.*

10. Quais as principais diferenças notáveis entre a Geografia do EJA, e o ensino regular?

*R. A gente pode fazer a diferenciação com relação ao aprendizado, que o aluno do tempo regular, principalmente os alunos da faixa etária normal, dentro de uma faixa etária equilibrada, eles tem todo um mecanismo de aprendizagem, tem todo tempo, tem tudo aquilo que o ensino vem favorecer para eles, no EJA não temos isso. O que é que a gente precisa fazer com que o pessoal do EJA seja inserido? A gente precisa trazer ele pra escola, e mostra que tem que entrar, entre um contexto de educação, dentro do contexto de ensino-aprendizagem, um contexto que eles precisam, da sala de aula, precisam do professor, muito deles estão 10, 12 ou 15 anos fora da sala de aula, é praticamente impossível você, pega um menino, que eu chamo de menino, mas são adultos, pega esses adultos mais de 10 anos fora da sala de aula, você trazer um “no-hall” de conteúdos e eles entender de fatos no momento, eles aprendem na medida que estão na escola e a diferença é que, um aprende de uma maneira mais coesa, mais incisiva, e o outro aprende de uma maneira trabalhada no dia-a-dia, a diferença que eu vejo é essa.*

11. Como é trabalhar com alunos do EJA?

*R. Muito bom! Eu acho que é muito bom, porque existe uma possibilidade, e essa possibilidade é fazer os meninos do EJA sejam evidenciados, sejam protagonista, a gente, a escola ela tem uma ideia de protagonismo juvenil, trazer os jovens para serem atores, para serem especiais dentro de um contexto, mas nós do EJA temos esse protagonismo, só não são mais juvenis, são adultos, e esse pessoal são favoráveis a isso, são participantes, e quanto mais eles participam, mais eles gostam de participar, gostam de entender, de serem atendidos, certo. E essa atenção a escola tem que estar junto aos professores, coordenação e todo aqueles que participam do corpo docente e discente da escola, a comunidade escolar em si.*

12. O professor se identifica com a modalidade de ensino do EJA?

*R. Sim, me identifico, e eu acho que se um dia o EJA deixar de existir nessa escola, ou em outra escola, vai fazer falta pra muitos, e muitos não tiveram a oportunidade de estudar*

*em tempo hábil, estão fazendo agora, e essa identificação começa quando você começa a falar a língua deles, eu adoro trabalhar com ciências humanas, como história, com Geografia, sociologia e filosofia, atualmente mais na área de História, e Geografia é uma linguagem que precisamos trazer para eles, e essa linguagem deve ser acessível, e outra coisa, eles gostam muito de trabalhar com atualidades, com o conhecimento atualizado, com as informações, isso temos que trazer para eles, se não trouxer esse conhecimento para eles, eles cobram, cobram, e sabe porque eles cobram? Eles acham e acreditam que vieram para escola para realmente aprender, e o aprendizado tem que estar coeso, tem que estar em constante mudança transformação, isso faz parte do cotidiano deles.*

13. Quais as maiores dificuldades?

*R. Os conteúdos. Os conteúdos não são adaptáveis o professor precisa fazer essa adaptação, a diferenciação que existe entre o tempo de estudo, entre o de EJA e de um regular, isso atrapalha um pouco, principalmente nas matérias nas áreas de exata, nas de humanas não tanto, por que eles vão recuperando aos poucos, mas veja só as maiores dificuldades é conteúdo, e esse conteúdo com o tempo vai elaborando de uma forma acentuada que o aluno vai aprender, se não vai aprender tudo aquilo que deveria aprender, pelo menos ele entender que ele precisa ter uma condição de aprendizagem boa, isso facilita e muito.*

14. É possível notar algum reconhecimento por parte dos alunos?

*R. Sim. Muito, vários exemplos, e o principal exemplo é quando eles se formam, o ano passado mesmo, teve uma turma de conclusão do quarto período EJA. E a grande satisfação com relação ao conhecimento, é o termino do ensino médio propriamente dito, certo. E outra coisa é quando eles aprendem algo de novo, quando você traz ora ele, quando você debate, traz ele para um contexto diferente do dia-a-dia deles, ele já sente, isso ai mostra, “oh professor isso ai eu não sabia”, “professor isso ai estou começando a aprender agora”, mesmo conhecimento de vida que eles tem, mesmo esse conhecimento de vida que é adquirido, tem algo para aprender na escola.*